

Brizola adverte para o risco de não haver eleição

GUSTAVO KRIEGER
Correspondente

Porto Alegre — O candidato do PDT à Presidência da República, Leonel Brizola, advertiu ontem em Porto Alegre que o agravamento da crise econômica pode ameaçar as realização das eleições de novembro e convocou todos os partidos políticos, as lideranças empresariais e as sindicais para "sentar à mesa e trocar idéias sobre os problemas do País", de forma a assegurar a transição democrática, mesmo que não seja possível a formação de um pacto político. Brizola lamentou que esta proposta não venha sendo aceita pelos demais segmentos políticos e lançou a suspeita de que "pode haver gente interessada em fabricar a ineficiência para ameaçar as eleições", sem citar nenhum nome ou setor específico.

Brizola lembrou o exemplo da Argentina, onde a hiperinflação teria gerado uma tensão social que pôs em risco até mesmo as eleições e afirmou que "devemos botar as barbas de molho, porque as do vizinho já estão ardendo". Segundo ele, o retrospecto dos últimos dois anos mostra que a crise econômica brasileira segue os passos da Argentina. "Tudo que acontece lá, acaba acontecendo aqui poucos meses depois", afirmou o candidato pedetista prevendo que por volta de setembro a situação poderá ficar insustentável no nosso País. Pegando mais uma vez o exemplo argentino, desejou que "pelo menos o Brasil consiga o que

eles conseguiram, chegando à eleição já com água pelo queixo, mas elegendo seu novo presidente. Haja o que houver, lá há presidente eleito".

Para Brizola, a crise econômica no Brasil e na Argentina é fruto de pressões inevitáveis que os governos destes países sofrem do exterior "por sua cumplicidade com um modelo econômico que não tem mais nada a ver com o interesse público e sim com os interesses de suas elites nacionais". Cumplicidade que ele garante não haverá em seu governo.

Afirmando que "precisamos nos prevenir", Brizola sugeriu o diálogo entre todos os setores da sociedade como forma de garantir a transição. Para ele, seria importante que surgissem propostas da sociedade que fossem levadas ao governo.

COLLOR

Mais uma vez, Brizola não poupou críticas à candidatura de Fernando Collor de Mello, do PRN, a quem chamou de "filhote da ditadura", "personagem de novela", "grande marajá do País" e ainda acusou de ser "à nova face da direita, só que agora com conotações facistas". Ele reconheceu a força de seu adversário nas pesquisas, mas garantiu que este quadro vai se alterar durante a campanha. Lembrou o caso de Sandra Cavalcanti "que já era considerada governadora eleita no Rio de Janeiro em 82 com uma imagem que queria ser moderna e pura e acabou sendo desmascarada como continuísmo da ditadura. Exatamente como o senhor Collor".